



CF (FN) **Alexandre** Henrique Batista **Barbosa**
ahbbarbosa@yahoo.com.br

Engagement: uma estratégia de defesa



O CMG (FN) **Alexandre** Henrique Batista **Barbosa** é atualmente o Comandante do Batalhão de Artilharia de Fuzileiros Navais. Oriundo de Escola Naval, já cursou o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS), na Escola de Guerra Naval; o curso de Especialização em Gestão de Projetos, pela COPPEAD-UFRJ; e o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) do Exército Brasileiro. Serviu, ainda, na Adidância Naval nos Estados Unidos e no Canadá, como Oficial de Intercâmbio junto ao *Marine Corps Combat Development Command*; no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC); no Batalhão de Artilharia de Fuzileiros Navais; e no Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais (CGCFN).

“Há poucas soluções militares cinéticas para crises no Oriente Médio, sul da Ásia ou África Oriental. Consequentemente, o governo dos EUA tem colocado ênfase renovada em gerar soft power para servir como um reservatório do qual retirar soluções não letais para os problemas da política externa. Uma forma de fazer isso é por meio de engajamento militar global, que pode construir confiança entre sociedades e fortalecer Estados fracos que ameacem a segurança internacional.”

(ESTADOS UNIDOS, 2013, tradução nossa)

Introdução

Todos os anos, Oficiais e Praças de diversas partes do mundo deixam seus países para realizarem cursos e estágios e participarem de simpósios e conferências. Tropas atravessam fronteiras para participarem de adestramentos e exercícios tanto binacionais quanto multinacionais. Equipes especializadas prestam assessoria na formação e profissionalização das Forças Armadas de países cujas instituições ainda estão se consolidando. Em regiões carentes ou atingidas por calamidades, aviões e navios militares desembarcam água e mantimentos, navios-hospitais e hospitais de campanha prestam auxílio médico, enquanto unidades de engenharia auxiliam na construção/reconstrução da infraestrutura básica.

As Forças Armadas de um país são instrumentos do poder nacional e podem ser empregadas em uma grande variedade de atividades, tarefas, missões e operações, que variam em propósito, escala, risco e intensidade de combate. Essa diversidade de ações é conhecida como o Espectro das Operações Militares¹, que pode ser representado pelo gráfico (ver Figura 1).

A doutrina norte-americana agrupa as operações militares existentes nesse espectro em três grandes áreas (ESTADOS UNIDOS, 2010): Engajamento Militar, Cooperação em Segurança e Dissuasão; Resposta a Crises e Operações Limitadas de Contingenciamento; e Grandes Operações e Campanhas.

Segundo o manual de operações conjuntas do *Department of Defense* (DOD) dos Estados Unidos da América (ESTADOS UNIDOS, 2011), as ações que não são caracterizadas como Operações Limitadas de Contingenciamento e Grandes Operações ou Campanhas acontecem sob o título geral de **Engajement**. Neste artigo, o termo **Engajamento** será empregado para abordar as atividades desenvolvidas sob o enquadramento do Engajamento Militar e da Cooperação em Segurança.

Engajamentos são conduzidos na zona comum entre a diplomacia e a defesa. Eles ocorrem de maneira contínua e concomitantemente com outras operações em andamento e, normalmente, envolvem uma combinação de forças e capacidades militares integradas a esforços de parceiros internacionais. Nesse contexto, todas as atividades citadas no início deste texto, e muitas outras que envolvem o relacionamento entre Forças Armadas de dois ou mais países, em tempos de paz ou crise, estão inseridas no conceito de Engajamento.

¹ Do termo original *Range of Military Operations* (ROMO), tradução livre do autor.



Figura 1: Espectro das Operações Militares

Fonte: Sítio SlideShare (<http://www.slideshare.net/robbinlaird/the-role-of-jhsv-and-lcs-in-the-seabase>)

Este artigo tem como propósito proporcionar uma melhor compreensão sobre esse assunto e sua importância na estratégia de defesa de um país, por meio da conceituação teórica do tema e pela exemplificação do seu emprego pelos Estados Unidos da América (EUA), particularmente pelo *United States Marine Corps* (USMC).

Conceituação teórica

O engajamento militar e a cooperação em segurança englobam um amplo espectro de ações em que o instrumento militar do poder nacional é empregado para apoiar outras agências governamentais e cooperar com organizações internacionais e outros países para proteger e ampliar interesses da segurança nacional, evitar conflitos e criar condições para futuras operações de contingenciamento. O uso de capacidades conjuntas nas atividades de Engajamento ajuda a moldar o ambiente operacional e mantém as tensões entre nações ou outros atores abaixo do limiar de conflitos armados.

Engajamento militar é o contato e a interação rotineiros entre indivíduos ou elementos das Forças Armadas de um país com aqueles das Forças Armadas de outros países ou com autoridades e agências civis, domésticas e estrangeiras, para construir confiança, compartilhar informações, coordenar atividades mútuas e manter influência. O engajamento militar ocorre como parte da cooperação em segurança, mas também se estende à interação com autoridades civis domésticas. O apoio ao engajamento militar pode incluir missões em áreas específicas como assuntos religiosos e assistência médica (ESTADOS UNIDOS, 2011).

Cooperação em segurança envolve todas as interações de organizações militares com organizações de segurança e defesa estrangeiras para construir relações no campo da defesa que promovam os interesses específicos de um país; desenvolvam nos países aliados capacidades para a defesa interna e externa e para a participação em operações multinacionais; e facilitem o acesso às nações hospedeiras² em tempos de paz e de contingenciamento (ESTADOS UNIDOS, 2011). A cooperação em segurança é um elemento-chave das chamadas *Shaping Operations*³, em que o comandante de uma força molda sua área de responsabilidade pelo emprego contínuo de forças militares para complementar e reforçar outros instrumentos do poder nacional. Idealmente, as atividades de cooperação em segurança diminuem as causas de uma potencial crise antes que a situação se deteriore e requeira uma intervenção militar coercitiva.

Engajamento no contexto do Planejamento Estratégico dos EUA

Pelo menos desde a Segunda Guerra Mundial, tem sido interesse dos EUA garantir a segurança americana pela redução das ameaças externas e pelo encorajamento de um sistema de comércio global para promover a prosperidade americana e criar a interdependência global. A antiga Secretária de Estado Condoleezza Rice disse: “[...] é claro que gerenciar os problemas de estados falidos e espaços

sem governo serão um aspecto da política externa dos EUA no futuro previsível, quer nós gostemos ou não.” (REVERON, 2010). Consequentemente, preparações para a guerra estão dando lugar a operações militares que focam em assistência humanitária, operações de estabilidade e cooperação em segurança.

A Estratégia de Segurança Nacional dos EUA estabelece uma abordagem estratégica para a segurança nacional que foca na prevenção de conflitos pelo estabelecimento e manutenção de relações com forças de segurança de nações parceiras, provendo-as com equipamento, treinamento, educação e assistência que elas necessitam para tornarem-se mais capazes de proverem sua própria segurança, defenderem seus territórios e populações, contribuir para a segurança regional e, quando necessário, participarem de operações coordenadas (ESTADOS UNIDOS, 2015). Além de aumentarem a influência dos EUA por meio de engajamentos militares, as lideranças civis e militares reconhecem que é muito mais efetivo prevenir a falência de um Estado do que lidar com suas consequências.

A Estratégia Militar Nacional estabeleceu como um de seus objetivos fortalecer sua rede global de aliados e parceiros (ESTADOS UNIDOS, 2015). Para atingir esse objetivo, os EUA irão preservar suas alianças, expandir suas parcerias, manter uma presença global estabilizadora e conduzir treinamentos, exercícios, atividades de cooperação em segurança e engajamentos militares. O documento cita, ainda, que as atividades de cooperação em segurança são o foco dos esforços para promover uma presença estabilizadora em teatros avançados. Exemplo disso é o fato dos EUA possuírem representações militares em mais de 150 países para treinar, orientar e profissionalizar suas Forças Armadas, além de receberem alunos de mais de 162 países em seus centros de instrução e adestramento.

A execução de atividades de Engajamento como parcela intrínseca da estratégia de defesa norte-americana consta, ainda, de vários outros documentos, que vão do nível estratégico ao operacional e envolvem tanto o *Department of Defense* quanto o *Department of State*. As orientações contidas nesses documentos são extraídas e consolidadas no Plano de Campanha do Teatro, que é o plano de cooperação em segurança para uma determinada área de responsabilidade (GILEWITCH, 2013).

O USMC e as Atividades de Engajamento

Enquanto nação marítima com interesses globais, os EUA devem ser capazes de estender seu controle, projetando influência e poder a partir do mar (ESTADOS UNIDOS, 2011). Dessa forma, a importância de manter a interoperabilidade com aliados e a coordenação efetiva com parceiros não pode ser exagerada. O imperativo de construir e manter parcerias que contribuam significativamente para a segurança, dissuasão e eficiência em combate vem em um momento em que a sensibilidade à manutenção de bases norte-americanas no exterior está crescendo, e o número total de forças norte-americanas estacionadas em solo estrangeiro é muito menor do que durante a Guerra Fria (REVERON, 2010).

Nesse contexto, a presença de forças avançadas baseadas no mar provê a oportunidade de conduzir atividades de cooperação com aliados e um conjunto crescente de parceiros internacionais, enquanto minimiza os impactos políticos, econômicos, culturais e sociais, algumas vezes associados à presença de tropas baseadas no exterior. Como parte do Poder Naval, o USMC é essencialmente projetado para ser empregado, apoiado e sustentado no mar e a

¹ Do termo em inglês *host nation* (HN), que se refere à nação que recebe as forças e/ou suprimentos de nações aliadas, parceiros de coalizão e/ou organizações da OTAN a serem posicionados, operarem ou transitarem pelo seu território (tradução livre do autor).

² *Shaping Operations* são aquelas executadas para moldar a percepção de aliados e adversários e influenciar seu comportamento com o intuito de ampliar a legitimidade internacional e ganhar cooperação multinacional (ESTADOS UNIDOS, 2011).

partir dele (ESTADOS UNIDOS, 2010). Tais características conferem ao USMC uma aptidão particular para realizar o engajamento militar.

O USMC tem mantido sua presença avançada pelo emprego do conjugado anfíbio, proporcionado pelos *Amphibious Ready Groups*⁴/*Marine Expeditionary Units*⁵ (ARG/MEU) e, mais recentemente, pelo estabelecimento de suas *Special Purpose Marine Air-Ground Task Force*⁶ (SPMAGTAF). A combinação de forças embarcadas e em bases avançadas é uma maneira singularmente adaptável de manter uma presença militar global, enquanto respeitando a soberania de outras nações. Dessa forma, o USMC tem conseguido engajar com um amplo conjunto de parceiros de modo a construir capacidades, forjar relacionamentos sólidos através de barreiras culturais e promover acesso diplomático (ESTADOS UNIDOS, 2010). Tais engajamentos consistem, normalmente, em instruções, treinamentos e exercícios bilaterais, de curta duração, a bordo e em terra. Ao mesmo tempo, essas tropas permanecem preparadas para responder a crises, tanto naturais quanto causadas pelo homem, e a projetar poder, tanto *soft* quanto *hard*, no mar e a partir dele.

Em função disso, a demanda dos grandes comandos militares regionais pela disponibilização de forças do USMC tem excedido a capacidade atual e planejada de emprego das ARG/MEU. Em decorrência, o USMC tem buscado desenvolver novas maneiras de aumentar seu engajamento avançado. Aumentar a presença de *Marines* a bordo de outras plataformas da Marinha e da Guarda-Costeira, além dos navios anfíbios; o emprego de equipes de treinamento, assessoria e avaliação nas SPMAGTAF; e o envio de equipes móveis de treinamento são algumas das alternativas que vem sendo empregadas.

No seu mais recente documento estratégico, *Expeditionary Force 21* (EF 21), o USMC prevê que o ambiente de segurança atual e futuro requerem a reformulação da força para fazer frente à crescente demanda por atividades de cooperação em segurança e ao foco em resposta a crises. Essa reformulação inclui o aumento da presença avançada, o desenvolvimento de doutrinas e de novos meios que facilitem a desagregação das MEU, ampliando sua capacidade de realizar engajamentos simultâneos. A EF 21 prevê, ainda, a ampliação do emprego das SPMAGTAF, que irão assumir um papel ainda maior nas respostas a crises e gerarão maior capacidade de presença avançada.

⁴ Força-Tarefa composta por meios navais anfíbios capazes de apoiar o emprego de uma *Marine Expeditionary Unit*.

⁵ Grupamento Operativo cujo Componente de Combate Terrestre é nucleado em um elemento valor batalhão.

⁶ Grupamento Operativo cujo Componente de Combate Terrestre é nucleado em um elemento cujo valor pode variar de uma companhia a um batalhão. Foram desenvolvidos para suprir a carência de meios navais anfíbios, sendo baseados em terra.

Referências

- ESTADOS UNIDOS. Joint Chiefs of Staff. **The National Military Strategy of the United States of America 2015**. Washington, D.C., 2015.
- ESTADOS UNIDOS. **National Security Strategy**. Washington, D.C., 2015.
- ESTADOS UNIDOS. Department of Defense. **Joint Publication 3-0 - Joint Operations**. Washington, D.C., 2011.
- ESTADOS UNIDOS. Department of the Navy. **Maritime Security Cooperation Policy: An Integrated Navy-Marine Corps-Coast Guard Approach**. Washington, D.C., 2013
- ESTADOS UNIDOS. Headquarters Marine Corps. **Marine Corps Operating Concepts (MCOO)**. Washington, D.C., 2010.

Conclusão

Em um cenário internacional cada vez mais incerto, a conflagração de conflitos étnicos e religiosos, a falência de Estados, a ocorrência de desastres naturais, as disputas econômicas e os delitos transnacionais, entre outros fatores, têm gerado grande instabilidade política, social e econômica, que se estende muito além das regiões afetadas. Para fazer frente a esse panorama, os EUA têm buscado pautar sua estratégia de defesa em medidas preventivas. No campo militar, essas medidas são desenvolvidas por meio de Engajamentos, atividades que procuram estabelecer relações e criar condições de interoperabilidade com parceiros capazes de prover sua própria segurança e de contribuir para a estabilidade regional e global.

Nesse contexto, o USMC tem se mostrado uma ferramenta extremamente efetiva na implementação de Engajamentos. O emprego das MEU e das SPMAGTAF expande as possibilidades e amplia o alcance para a realização de atividades de cooperação em segurança. O aumento da presença de tropas nos demais navios da *US Navy* e da *US Coast Guard* proporcionará flexibilidade ainda maior aos grandes comandos militares regionais.

Traçando um paralelo entre o Brasil e os EUA, a adoção de uma estratégia de Engajamentos com países do nosso entorno estratégico contribuiria para a defesa do território e a proteção dos recursos naturais existentes na Amazônia Azul. É fato que as Forças Armadas brasileiras já executam atividades que se enquadram nas definições de engajamento militar e cooperação de segurança. É fato, também, que as restrições orçamentárias limitam o escopo e a amplitude dessas atividades. Falta, porém, o desenvolvimento desses Engajamentos como um elemento intrínseco da estratégia de defesa. Atualmente, das 23 Diretrizes da Estratégia Nacional de Defesa, apenas uma promove a interação com outros países (“Estimular a Integração da América do Sul”).

A exemplo do USMC, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) também tem a capacidade de atuar na vanguarda desses Engajamentos, graças a seu caráter expedicionário. Oportunidades de emprego de destacamentos de Fuzileiros Navais embarcados nos navios da Marinha do Brasil em comissão no exterior poderiam ser ampliadas, de modo a possibilitar a realização de atividades junto às tropas dos países visitados. Além disso, poderiam ser ampliadas as parcerias para a manutenção de intercâmbios, na área operativa e de ensino, a constituição de Grupos de Apoio Técnico e a participação tanto em adestramentos e exercícios binacionais quanto multinacionais, particularmente em países da América do Sul e África Ocidental.

_____. **Expeditionary Force 21**. Washington, D.C., 2014.

GILEWITCH, Daniel A. **Security Cooperation Strategic and Operational Guidance: Translating Strategy to Engagement**. The DISAM Journal of International Security Cooperation Management, 2013. Disponível em: <<http://www.disamjournal.org/articles/security-cooperation-strategic-and-operational-guidance-translating-strategy-to-engagement-773>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

REVERON, Derek S. **Exporting security: international engagement, security cooperation and the changing face of the US military**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2010.